

Piscadela da emoção

VILLAS-BÓAS CORRÊA*

A divergência dos índices da última rodada de pesquisas jogou a areia da dúvida na marola de entusiasmo de Lula, aguando a comemoração dos resultados que encurtavam a distância do sonho da realização do segundo turno.

Com a ressalva de estranheza pela diferença dos percentuais de tendência de voto dos mais importantes institutos de pesquisa, o jeito é ir em frente, buscando a linha de interpretação que sempre ajuda a entender as coisas.

Ora, esta é uma campanha de difícil análise e arriscada avaliação pelas singularidades que a distinguem com alta cota de novidade e recomenda cuidados no aproveitamento das lições da experiência.

É irresistível a tentação de rastrear semelhanças com a campanha do primeiro turno de 89, não apenas porque é a mais recente e nítida na memória como a única referência de rodada de urna de classificação, na estreia da exigência constitucional da maioria absoluta para a liquidação imediata da fatura.

O empenho do PT para sacudir sua militância, espantando o intrigante marasmo que mancha a campanha com inédita frieza, piscou o olho da esperança, com a bulha tardia que quebrou o silêncio das ruas e sacudiu o comodismo, arrastando para o comício do Anhangabaú a primeira multidão testemunhada pelas fotos e vídeos, contrastando com os flagrantes das rarefeitas concentrações, animadas por elenco de artistas.

Mas a emoção continua longe do horário eleitoral: as equipes de Lula e de Fernando Henrique persistem nos modelos engessados, com insignificantes inovações. Lula acrescentou o molho da agressividade e está batendo firme em FHC, forçando a polarização para emplacar o segundo turno. E Fernando Henrique cultiva a vantagem, regando a promessa de eleger-se no primeiro turno com esguichos de água gelada. Quanto menos onda melhor.

Aqui uma das diferenças fundamentais. Pois o fenômeno eleitoral de 1989 atitou a fogueira, utilizando-se de todos os recursos do marketing, empastando a voz na veemência treinada das denúncias e xingamentos, apelando para gesticulação frenética e fixando a imagem atlética do vigor, da agressividade. Campanha afinada pela clave da emoção, programada em computador, com desempenho de artista.

Parte por temperamento e outro tanto por conveniência, Fernando Henrique dribla a emoção e teima em conquistar o voto com exposições de tom professoral, fluente, mas sem rasgos de eloquência. Do seu lado a campanha não aquece: conserva-se o voto congelando o eleitor.

Não é só o estilo acadêmico de FHC que explica a apatia da sociedade. Uma análise do desempenho dos candidatos revela que a disparada inicial de Lula, espachando os demais concorrentes para o segundo bloco, sem a mais remota perspectiva de desbancar os dois primeiros colocados em todas as pesquisas, esvaziou o interesse pela disputa da outra vaga. Brizola brigou em 1989 até a boca de urna pela classificação, agora arrisca-se à humilhação de ter menos votos que o Enéas. Quêrcia e Amin não saíram do chão.

Indecisos não resistem ao piparote do bom senso.

Claro que não é só isso. O eleitor amadureceu os duros ensinamentos das suas decepções e está de pé atrás. Torce pelo real, precatando-se com sua ponta de desconfiança, mesmo quando desaprova os que descrêem do plano econômico com interesseira inspição eleitoral.

Ora, com tais características fica difícil a reviravolta que costuma pregar surpresas. Profissional do ramo, Carlos Augusto Montenegro, diretor do Ibope, considera praticamente definida a eleição de Fernando Henrique Cardoso no primeiro turno. E argumenta com dados da experiência. O tempo encurta e não promete novidades. Para garantir o segundo turno, Lula necessita reverter cerca de dez milhões de votos em menos de uma semana, de hoje até segunda-feira. Pois esta é a vantagem, segundo o Ibope, de Fernando Henrique sobre a soma dos outros candidatos.

Esquemas e planos para cooptar votos no famoso bolsão dos indecisos ou nas colunas de tendência de votos nulos ou em branco não resistem ao piparote do bom senso. Não existe reserva dos indecisos. E os índices que juntam votos em branco, nulos e indecisos no mesmo saco da indiferença e do protesto tolo e inútil estão beirando os registros históricos. Vão ficar por aí, com possível redução de dois ou três por cento que não alteram os resultados. Até porque nunca correm para um lado só.

Não há táticas perfeitas nem lances infalíveis. Todos embutem margem de risco. Se Lula atira todas as fichas na fervura da emoção, na tradicional e comprovada arrancada da militância, no lance do tudo ou nada, não tem como vacinar-se contra a maldição do voto útil, do voto do medo. Espantar o voto costuma provar o estouro. E ele corre para todos os lados.

Se falta paixão à campanha, neste finalzinho a ponta de dúvida anima a torcida. Pois além da objetividade da avaliação, impõe-se a inredulidade do eleitor, com a pele curtida de tantos desenganos.

Ver para crer, no preto no branco da apuração dos votos. Não será necessário esperar muito. Dois ou três dias de votos contados confirmam ou desmentem profecias.

* Reporter político do JORNAL DO BRASIL

Esquemas de conquista do voto dos